

SÉRIE  
diálogo

**Susana Klassen**

# **Patty Palito**

*Ilustrações de*  
**Marcelo D'Saete**



editora scipione

*Gerência editorial*  
Sâmia Rios

*Edição*  
Maria Viana

*Assistência editorial*  
José Paulo Brait  
Camila Carletto

*Revisão*  
Ivete Batista dos Santos  
Matheus Rodrigues de Camargo  
Nair Hitomi Kayo

*Coordenação de arte*  
Marisa Iniesta Martin



**editora scipione**

---

Av. Otaviano Alves de Lima, 4 400  
Freguesia do Ô

CEP 02909-900 – São Paulo – SP

ATENDIMENTO AO CLIENTE

Tel.: 4003-3061

[www.scipione.com.br](http://www.scipione.com.br)

*e-mail:* [atendimento@scipione.com.br](mailto:atendimento@scipione.com.br)

---

2013

ISBN 978-85-262-5642-2 – AL

ISBN 978-85-262-5643-9 – PR

Cód. do livro CL: 734571

1.<sup>a</sup> EDIÇÃO

11.<sup>a</sup> impressão

*Impressão e acabamento*



Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção e comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros.

Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



---

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Klassen, Susana

Patty Palito / Susana Klassen; ilustrações de  
Marcelo D'Salete. – São Paulo: Scipione, 2004. (Série  
Diálogo)

1. Literatura infantojuvenil I. D'Salete, Marcelo.  
II. Título. III. Série.

04-5833

CDD-028.5

---

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

*Aos doutores  
Francisco Lotufo Neto, Dankwart Schreen  
e José Cássio Martins.*

*Valeu!*



## PREFÁCIO

**C**onheci Susana Klassen há alguns anos, quando um amigo me indicou os serviços de tradução do escritório dela em Curitiba. Não cheguei a ver seu rosto, mas trocamos inúmeros telefonemas e estabelecemos uma relação bastante agradável durante um bom tempo, até perdermos contato. Por isso, foi com grande surpresa e satisfação que recebi o convite da Editora Scipione para prefaciar *Patty Palito*.

Aceitei de imediato a deliciosa tarefa que me foi confiada. E por uma razão das mais prosaicas: sei muito bem das agruras vividas pela Patty, personagem principal deste livro.

É bem verdade que nunca me chamaram de “Paquiderme”. Mas, desde que pus os pés numa escola, fui premiado com outros tantos apelidos inequivocamente relacionados ao meu jeito roliço de ser: “Rolha de poço”, “Saco de banha”, “Bolacha”, “Batata”, “Bolota”, “Azeitona” e “Maguila”. Este último – o mais odiado de todos – me acompanhou por longos dez anos.

O fato é que, na adolescência, muitas vezes dói ser o gordinho da turma. E dói mais ainda ter de se contentar com isso. Fica difícil arranjar namorada quando a barriga chega sempre dois segundos antes de nós. Mas o pior de tudo é não ser digno de respeito só por ter uns quilinhos a mais. É duro viver numa época em que as regras do jogo são ditadas pela superficialidade e pela obsessiva preocupação em ter um corpo “sarado”.

Sob esse aspecto, *Patty Palito* é um livro particularmente precioso, pois aborda o tema com leveza e bom humor, além de alertar para os perigos que correm aqueles que, sem perceber, deixam de ser o que são para agradar aos outros.

É bom saber que Susana e eu somos mais que amigos telefônicos: agora nos tornamos colegas de ofício.

Como escritor, como ser humano e, principalmente, como gordo assumido e feliz, recomendo a leitura deste livro. Você também vai gostar, tenho certeza.

*Júlio Emílio Braz*





## Capítulo 1

**N**aquele domingo fatídico, toda a comida do mundo estava prestes a desaparecer. A julgar pelo prato de Patrícia, isso bem que poderia ser verdade. Mas a “culpa” não era só dela. O almoço na casa da avó Justina era bom demais. Da rua dava para sentir o cheiro de seus temperos e refogados. Quando tocavam a campainha, ela sempre aparecia à porta secando as mãos no avental amarrado em volta da cintura avantajada. Ajeitava o velho lenço vermelho na cabeça, abria um sorriso e gritava:

– *Buon giorno!*

Enquanto a família comia, vó Justina continuava servindo filhos, noras, genros e netos. Sempre tinha macarronada, frango assado, maionese, bolo e muito refrigerante. Tanta coisa gostosa em uma única refeição!

Ninguém estranhou quando Patrícia limpou seu terceiro prato de comida. Talvez porque não soubessem que ela tentava se acalmar e não pensar nas poucas horas que a separavam de sua triste sina. O molho da macarronada era à bolonhesa, e o dia seguinte era segunda-feira.

Terminado o almoço, a garota atacou as sobremesas. Lambeu até os últimos farelos de bolo que ficaram grudados em seus dedos rechonchudos. O bolo era de cenoura, e o dia seguinte era segunda-feira.

Em duas mordidas, foi-se uma trufa, depressa demais para que o sabor do recheio fosse identificado. Pegou mais uma e, dessa vez, mastigou lentamente. A trufa era de cereja, e o dia seguinte continuava sendo segunda-feira.

– Alguém quer mais alguma coisa? – perguntou vó Justina, atenciosa, enquanto tirava a mesa.

“Quero poder viajar para o futuro”, pensou Patrícia, de mau humor. Pularia a segunda-feira e, quem sabe, até o resto daquela semana tenebrosa que se estendia.

Seu cochilo após o almoço virou sono de mais de quatro horas. Despertou com a voz da mãe dizendo que eram quase sete da noite e precisavam voltar para casa.

Levantou-se depressa demais e ficou zozona. Suas pernas e braços pesavam toneladas, e a cabeça estava a ponto de explodir. Ainda assim, arrastou-se até a cozinha e deu um beijo na bochecha corada da avó. Tinha vontade de agarrar-se à saia da *nonna* e gritar que ninguém poderia tirá-la de lá. Mas, em vez disso, fingiu ser uma menina crescida e foi para o carro.

Por que aquele domingo não podia ser igual aos outros? Normalmente, Patrícia não teria nada contra esse dia da semana. No entanto, se a segunda-feira fosse o início das aulas num novo colégio, a história era outra.

\* \* \*



Seis meses antes do domingo fatídico.

“EEPSG Professora Maria da Costa Moreira e Silva.”

Na primeira série, o cabeçalho levava uma eternidade para ser copiado. Letras redondíssimas e cheias de orgulho iam lentamente formando as palavras. Depois, tudo era cercado de flores coloridas.

Mas agora, no nono ano, a boa vontade já não era a mesma, e os alunos escreviam tudo da maneira mais abreviada possível. O nome da escola mais parecia uma sopa de letrinhas: EEPSGPMCMS. Não que isso importasse muito – afinal, Patrícia continuava sendo a melhor aluna da classe.

– Se eu fosse filha única, também seria boa aluna! Não aguento mais o meu irmão. Só porque ele nasceu dois anos antes de mim, pensa que pode mandar na minha vida. Você acredita que ele achou aquela prova de português em que eu fui mal e mostrou para o meu pai? Graças a isso, sem nenhum direito a defesa, fui sentenciada a um mês de castigo, não um dia ou uma semana, mas um mês inteiriño. Sou prisioneira na minha própria casa, vivendo a pão e água e fazendo trabalhos forçados!

Patrícia estava acostumada com os relatos dramáticos de Rita. O pai da amiga era advogado, e pelo jeito ela havia herdado um pouco de sua eloquência.

As duas estudavam juntas desde o maternal e não se lembravam de um único período mais longo de silêncio. Rita falava feito uma metralhadora, disparando dezenas de palavras por minuto contra qualquer um que estivesse por perto. Ainda assim, a amiga de Patrícia estava certa: ela não podia reclamar.

Na casa dos Grissini havia uma rotina calma de família pequena. Claro que para os avós de Patrícia, italianos, um conjunto de três pessoas não era considerado exatamente uma família, e eles não conseguiam entender por que a menina não tinha irmãos ou irmãs. Mas ela não se

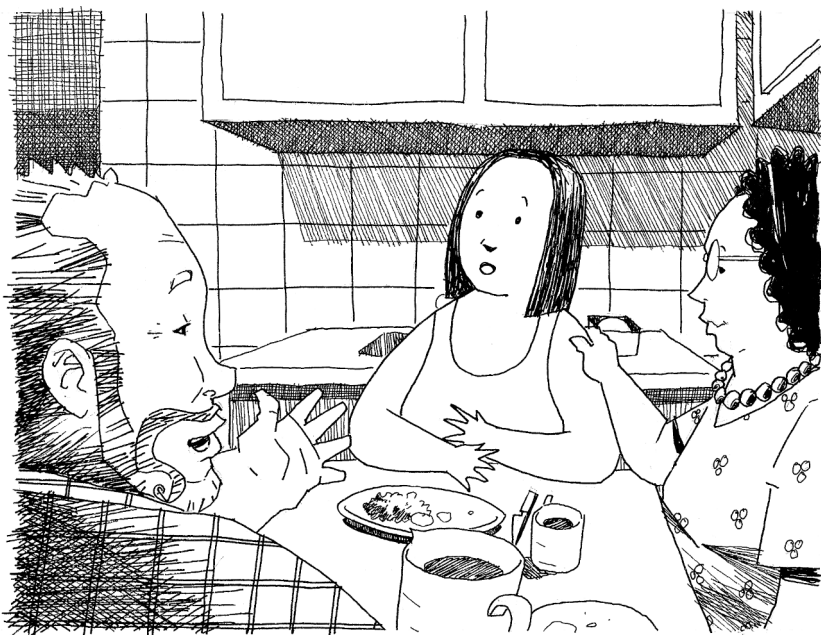
importava nem um pouco. Vivia uma existência tão tranquila que, às vezes, beirava o tédio. Talvez por isso ninguém percebesse a tempestade se armando...

## Capítulo 2

**D**ois meses antes do domingo fatídico.

Era final de junho, e as noites estavam frias. Patrícia adorava essa época do ano, pois dona Lena fazia sopas substanciosas, acompanhadas do pão caseiro macio e fresquinho. Durante o jantar, seu Piero descansou a colher na beirada do prato e se ajeitou na cadeira. Olhou para a esposa, depois para Patrícia, e disse:

– Minha filha – parou para alisar o bigode longo e



escuro, como sempre fazia quando o assunto era importante –, como você sabe, os negócios estão indo bem, a clientela do mercado tem aumentado bastante. Por isso, sua mãe e eu resolvemos que você vai para um colégio particular.

O pedaço de pão que Patrícia engolia fez uma inesperada mudança de rota, provocando uma tosse engasgada. Com o rosto vermelho e os olhos lacrimejando, bebeu meio copo de suco de uma só vez. Mal havia recuperado o fôlego e já estava protestando:

– Mas, pai, pra que isso? Como é que eu vou mudar de escola assim, no meio do ano?

– Vai ser melhor assim, *bambina*. Você é uma ótima aluna e precisa de um colégio mais puxado. Além disso, com seu charme natural, até o fim do ano vai ter feito amizade com todo mundo.

Patrícia olhava para o prato de sopa, contando quantos pedaços de cenoura podia ver boiando no meio dos outros legumes. Cenoura era uma das poucas coisas que ela detestava. Ainda assim, comia só para não ouvir um sermão da mãe.

– Eu sempre estudei no Maria da Costa. Só porque é um colégio estadual, não significa que seja ruim.

Dona Lena, a serenidade em pessoa, fitou a menina com aqueles olhos verdes que Patrícia às vezes invejava.

– Filha, a gente só quer que você tenha o melhor. O Maria da Costa é bom, mas um colégio particular vai te dar mais preparo para o vestibular.

– Ah, é? Então, como é que a filha da vizinha está cursando medicina na USP, sendo que estudou a vida inteira no Maria da Costa? Hein? Além do mais, quem falou que eu quero fazer faculdade? Vocês dois não fizeram...

– Você pode não entender agora, mas nós sabemos o que é importante para o seu futuro – disse seu Piero, muito sério.

– Mas... e os meus amigos, como é que ficam?

Dona Lena ergueu as sobrancelhas e suspirou.